

Milliet, pensando no veto à prefixação das taxas de juros.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, manterá reuniões com banqueiros privados na próxima semana, para discutir as altas taxas de juros, analisando a possibilidade de se vetar, integralmente, a prefixação das taxas em qualquer operação.

A informação foi transmitida pelo ministro da Fazenda, Luis Carlos Bresser Pereira, ao líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, durante audiência que concedeu à bancada do partido naquela casa.

Os senadores do PFL entregaram a Bresser documento com cinco reivindicações: controle das taxas de juros e do déficit público, reforma bancária, prorrogação de pagamentos de empréstimos no setor agrícola e final do compulsório (esta quase atendida ontem, pela eliminação do empréstimo sobre os veículos usados e diminuição para os novos).

O documento do PFL sugere a adoção de tetos máximos setoriais para as taxas de juros, além da eliminação da prefixação "que é um elemento de indução inflacionária", disse Chiarelli. O senador informou que o ministro da Fazenda ficou de estudar o estabelecimento dos tetos, mas que a eliminação da prefixação será o tema central das reuniões da próxima semana entre Milliet e os banqueiros.

O presidente do Banco Central disse ontem, no Rio, que entre o ano em curso, quando se completará o processo de ajustamento econômico, e 1988, o Brasil acumulará condições de retornar às taxas históricas de desenvolvimento do após-guerra. Segundo explicou, o País não conseguirá um reordenamento de preços em 15 ou 30 dias, mas em alguns meses, "o que deverá ocorrer em alguma parte do segundo semestre".

Ao falar na sessão de encerramento do II Congresso Nacional de Executivos Financeiros, Fernando Milliet criticou em parte a política de controle estabelecida após o Plano Cruzado, ao lembrar que "todos os que tentaram fazer inflação corretiva rápida verificaram, sobretudo em economias altamente indexadas, que esse sistema é uma armadilha".

Crescimento menor

A indústria paulista apresentou uma "estabilidade no crescimento" no primeiro trimestre deste ano. E embora o INA (Indicador de Nível de Atividade) apurado pelo Departamento de Economia (Decon) da Fiesp revele ainda um crescimento aparentemente elevado em março (15,3%), em comparação com o mesmo mês do ano anterior, dificilmente a indústria paulista conseguirá atingir as metas de crescimento previstas no início do ano, de 6%. Essa é a avaliação do diretor do Departamento de Economia, empresário Walter Sacca, lembrando: a comparação março 87/março 86 fica prejudicada porque março do ano passado pode ser considerado um mês atípico, já que, logo após a deflagração do Plano Cruzado, a atividade industrial ficou praticamente parada.

Sacca acrescentou que, como o crescimento médio acumulado no primeiro trimestre girou ao redor dos 12% (contra igual período em 1986), "fica difícil crer que possamos terminar o ano com um crescimento industrial negativo em São Paulo". Para isso, a recessão teria que ser "imensa", disse. Portanto, "se o crescimento industrial do Estado for zero de abril até o fim do ano, ainda assim poderíamos ter um saldo positivo de 3%".

Esse empresário entende que pelos "sinais avançados" do nível de emprego de abril, divulgados pelo Decad que indicam ligeira queda, o "sinal vermelho da recessão estaria pelo menos piscando". "Por isso — acrescentou Sacca — procuramos estar constantemente alertando as autoridades para qualquer sinal mais perigoso que possamos registrar", para que o governo possa, através de instrumentos de política econômica de sua competência, reverter a tempo a situação.

Ele deu como exemplo a retirada, ontem, do empréstimo compulsório sobre veículos com mais de um ano de uso, e a redução para 15% sobre os novos, como uma "demonstração de sensibilidade do governo para a situação aflitiva da indústria automobilística, que via suas vendas retraindo dia a dia".

No entanto, Sacca ainda acha que essa sensibilidade governamental terá — a persistir essa desaceleração nas vendas de carros novos e usados — que recair também na redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), que incide hoje sobre veículos. Ele acha que o Estado "deveria reduzir o seu peso na economia", permitindo, dessa maneira, o livre ajuste dos preços às necessidades do mercado.

Outro dado que impede uma previsão "até para os próximos três meses" sobre o desempenho da indústria paulista para 1987, observou o diretor do Decon, é "a intranquilidade que reina hoje na economia nacional". Sacca descartou que o governo venha a adotar qualquer novo pacote ou choque na economia para conter a inflação.

O "clima de mudanças das regras do jogo a cada dois meses" que ainda persiste na economia, segundo empresários, foi no comentado na reunião de ontem de manhã do Conselho Superior de Economia da Fiesp (CSE), onde estiveram presentes, entre outros, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, o presidente da Fiesp e do Decon, Mário Amato, e Walter Sacca, respectivamente, os empresários Cláudio Bardella, Abílio Diniz e Flávio Telles Menezes. Sacca afirmou que "a reunião não levou a nenhuma conclusão".

Indicadores

Os indicadores da Fiesp para março não demonstram grandes alterações em relação a janeiro e fevereiro, reafirmando a tese de Salla de que a atividade industrial entrou em ponto de estabilidade, pelo menos, durante os três primeiros meses do ano. Outros empresários, na entanto, preferem chamar esse período, a partir de março, de "compasso de espera", pelo menos uma espécie de intervalo até que haja uma maior definição da política econômica a ser adotada a partir do segundo semestre.

As horas trabalhadas na produção em março passado (contra março de 1986) registraram crescimento de 9,1%, semelhante, portanto, aos 9,3% de fevereiro e 8,9% de janeiro. Apenas os salários mostraram uma ligeira tendência de queda: 7,1% em março, contra 7,8% em fevereiro e 8,2% em janeiro (contra igual período no ano passado). Mas Sacca acrescentou que em março houve um "forte crescimento" do salário real médio (10,3%) devido, especialmente, ao fato de o gatilho ter disparado para quase todas as categorias no mês.